

A TORCIDA CRUZEIRO ALFENAS (TCA) E A DESMITIFICAÇÃO DA VIOLÊNCIA: TERRITÓRIOS SIMBÓLICOS E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE COLETIVA

The Cruzeiro Alfenas Supporters Group (TCA) and the Demystification of Violence: Symbolic Territories and the Construction of Collective Identity

Tailson Oliveira dos Santos

Graduando em Geografia, da Universidade Federal de Alfenas, Brasil

tailson.santos@sou.unifal.edu.br

Recebido: 20/12/2025

Aceito: 05/01/2026

Resumo

Este artigo analisa como a Torcida Cruzeiro Alfenas (TCA) constrói territorialidades simbólicas e uma identidade coletiva que desafiam o estigma de violência atribuído às torcidas organizadas. A investigação articula revisão bibliográfica, observação participante, entrevistas e produção cartográfica para compreender a formação da TCA no contexto pós-pandemia, seus pontos de encontro e a criação de vínculos afetivos que transformam espaços comuns em lugares de pertencimento. Os resultados revelam que a TCA opera como comunidade emocional pautada no acolhimento, multiterritorialidade e sociabilidade pacífica, ressignificando o torcer como prática cultural legítima e não violenta.

Palavras-chave: Torcida organizada; futebol; identidade coletiva; violência; territorialidade simbólica.

Abstract

This article analyzes how the Cruzeiro Alfenas Supporters Group (TCA) constructs symbolic territories and a collective identity that challenges the stigma of violence attributed to organized supporter groups. Combining bibliographic review, participant observation, interviews, and cartographic production, the study examines the group's post-pandemic formation, its meeting points, and the affective bonds that transform ordinary spaces into places of belonging. The results show that the TCA functions as an emotional community grounded in hospitality, multiterritoriality, and peaceful sociability, reframing fandom as a legitimate and non-violent cultural practice.

Keywords: Organized supporters; football; collective identity; violence; symbolic territory.

1. INTRODUÇÃO

A Geografia do Esporte, conforme apontado por Mascarenhas (1999), constitui-se como campo de investigação dedicado a compreender essencialmente a dimensão espacial esportiva. Nesse viés, busca analisar as relações entre práticas esportivas,

espacialidades e dinâmicas socioculturais, interpretando como o ambiente molda as manifestações esportivas e, simultaneamente, como essas manifestações reconfiguram o espaço que ocupam. O esporte, enquanto fenômeno geográfico e social, mobiliza agentes, territórios e identidades, produzindo significados que ultrapassam o jogo em si e se materializam em práticas coletivas e usos simbólicos do espaço. É nesse sentido que o próprio Mascarenhas (1999; 2006), destaca que a abordagem geográfica permite revelar a complexidade das relações entre o esporte, sociedade e território, especialmente quando consideradas as formas de apropriação espacial que emergem de grupos organizados de torcedores. É nessa interseção entre espaço, emoção e pertencimento que se insere este estudo, cujo foco recai sobre a Torcida Cruzeiro Alfenas (TCA), um grupo que territorializa sua prática torcedora em Alfenas, município distante de metrópole Belo Horizonte e capital do Estado de Minas Gerais, e onde se encontra a sede oficial do Cruzeiro Esporte Clube.

Nas últimas décadas, as torcidas organizadas têm sido amplamente estigmatizadas como focos de violência urbana. No entanto, sua atuação envolve uma complexa rede de vínculos, e reduzi-las apenas à violência é ignorar sua existência afetiva, simbólica e cultural. A reflexão sobre tal estigma torna-se fundamental quando consideramos marcos históricos como a *“Batalha Campal do Pacaembu”* de 1995. Conforme analisado por Lima (2025) e Pimenta (2000) este evento evidenciou a violência extrema televisionada e gerou uma resposta repressiva imediata das autoridades, consolidando no imaginário social a figura do torcedor organizado como um ser violento e marginalizado. Muitas vezes, isso estereotipa as torcidas organizadas e acoberta as motivações sociais e os contextos de sociabilidade que grupos menores promovem.

É nesse cenário que se formula o problema desta pesquisa: Como a Torcida Cruzeiro Alfenas (TCA), situada fora do eixo metropolitano de Belo Horizonte, constrói territórios simbólicos e uma identidade coletiva que rompem com o estigma da violência associado às torcidas organizadas, resignificando o “torcer” por meio de novas sociabilidades urbanas? Para responder à questão, parte-se da hipótese de que a TCA produz uma multiterritorialidade, onde o ponto de encontro funciona como um território simbólico que mimetiza a experiência do estádio. Nessa dinâmica, os membros da TCA substituem a lógica do “torcedor de sofá” por práticas coletivas marcadas por solidariedade, rituais festivos, uso do espaço urbano e criação de uma comunidade emocional, desmitificando a associação entre torcida organizada e violência.

O presente estudo se justifica em 3 dimensões complementares. A primeira é de caráter social, reconhece que o futebol é um elemento estruturante e enraizado na cultura

brasileira, porém o acesso aos estádios é historicamente elitizado. Uma pesquisa recente da Nexus/FSB (2025) mostra que apenas 19% dos brasileiros que tem um time para torcer, vão aos estádios. Já 23% dessas pessoas não frequentam o estádio, sobretudo por questões de segurança. Assim, grupos como a Torcida Cruzeiro Alfenas (TCA) aparecem como “alternativas” seguras e democráticas de vivência coletiva do futebol, permitindo o exercício pleno do torcer. A segunda dimensão, de natureza acadêmica e geográfica, busca contribuir para o campo da Geografia do Esporte ao deslocar o foco analítico dos grandes centros para cidades médias como é o caso de Alfenas. Observa-se que grande parte da produção bibliográfica da área tem privilegiado análises em escala macro, concentrando-se majoritariamente nos impactos de megaeventos de visibilidade global como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos, deixando muitas vezes em segundo plano as manifestações esportivas cotidianas e de escala regional. Por fim a terceira justificativa deste trabalho é de caráter político-cultural, diz respeito à necessidade de problematizar e tensionar a narrativa hegemônica construída em torno das torcidas organizadas, frequentemente representadas pela mídia como coletividades inerentemente violentas e desordeiras.

Dessa forma, estabelece-se como objetivo geral compreender como a TCA se apropria de espaços urbanos, produz territórios simbólicos e constrói identidade coletiva, propondo uma leitura territorial e afetiva do fenômeno torcedor, em contraposição ao estigma de violência associado às torcidas organizadas. Para isso, os objetivos específicos são: (1) contextualizar a Geografia do Esporte e o papel das torcidas organizadas no cenário urbano brasileiro à luz das discussões sobre território e lugar; (2) caracterizar a dinâmica espacial da TCA em Alfenas, identificando seus pontos de encontro e rituais como territórios de resistência simbólica; (3) investigar, por meio de entrevistas e observação, como os integrantes percebem a violência no futebol e quais práticas adotam para combater esse estigma; (4) analisar como a TCA estabelece uma ponte afetiva e multiterritorial entre Alfenas e Belo Horizonte, permitindo que torcedores fisicamente distantes vivenciem pertencimentos típicos do espaço do estádio.

2. METODOLOGIA

Para a construção metodológica deste trabalho, utilizou-se de uma revisão bibliográfica envolvendo autores que discutem a Geografia do Esporte, a categoria território, as relações entre experiência e afeto e, por fim, o fenômeno torcedor. Essa escolha metodológica se justifica pela necessidade de compreender as torcidas organizadas como manifestações simbólicas e culturais, indo além da perspectiva estatística ou meramente

descritiva. A revisão contemplou autores clássicos e contemporâneos como Bale, Mascarenhas, D'Alexandria, Haesbaert, Raffestin, Tuan, Malaia, Helal e Orsolini, permitindo construir o referencial que sustenta as análises empíricas. Assim, o trabalho teve como ponto de partida um levantamento bibliográfico amplo, que possibilitou compreender como elementos simbólicos, afetivos e territoriais estruturam as práticas sociais relacionadas ao ato de torcer. Os dados nacionais utilizados na introdução, como a pesquisa Nexus/FSB (2025) sobre o perfil dos torcedores e acesso aos estádios, também foram incorporados ao arcabouço bibliográfico, pois auxiliam na contextualização socioesportiva contemporânea do fenômeno torcedor no Brasil.

Além da revisão teórica, adotou-se uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e interpretativo, visto que o objetivo central da pesquisa não é quantificar comportamentos, mas interpretar significados, experiências e territorialidades produzidas pelos torcedores. A abordagem qualitativa possibilitou interpretar as dinâmicas simbólicas presentes nas práticas da Torcida Cruzeiro Alfenas (TCA), permitindo analisar como os sujeitos constroem vínculos afetivos, identidades coletivas e usos específico do espaço urbano.

Como procedimento de coleta empírica, realizou-se observação participante nos pontos de encontro da TCA que permitiu acompanhar a dinâmica de organização dos torcedores, registrar a atmosfera emocional dos encontros e identificar os rituais que estruturam a prática do torcer coletivo.

Foram observados aspectos como:

1. A disposição espacial dos torcedores no local;
2. O uso de símbolos como bandeira, camisas e adereços;
3. As práticas performáticas (cânticos, gestos, rituais de celebração e frustração);
4. A interação entre os membros e sua relação com o entorno urbano;
5. A temporalidade dos encontros (antes, durante e pós jogos).

Como parte da caracterização do contexto empírico, utilizaram-se fontes oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), contendo dados populacionais e socioespaciais do município de Alfenas. Esses dados constituíram a base para a construção dos materiais cartográficos produzidos nesta pesquisa, no qual foram produzidos três mapas temáticos utilizando o software Qgis, associado a complementos internos que possibilitaram a obtenção e integração de diferentes camadas espaciais necessárias para análise:

1. Mapa de localização do município de Alfenas no estado de Minas Gerais, situando o contexto regional da pesquisa;

2. Mapa dos bairros de alfenas

3. Mapa de localização do ponto de encontro da TCA, identificando espacialmente onde ocorrem as práticas torcedoras investigadas.

O primeiro mapa elaborado é o Mapa de Localização da Região Geográfica Imediata (RGI) de Alfenas, construído a partir dos shapefiles oficiais disponibilizados pelo IBGE. Nesse processo, foram importadas as camadas referentes às Regiões Geográficas Imediatas e Intermediárias, além dos limites municipais do estado de Minas Gerais. Essas camadas passaram por procedimentos de reprojeção para o Datum SIRGAS 2000, assegurando compatibilidade cartográfica e precisão geométrica. Esse mapa permitiu situar Alfenas no contexto regional e compreender suas relações com municípios vizinhos.

O segundo produto cartográfico foi o Mapa dos Bairros de Alfenas, elaborado com apoio do complemento QuickMapServices, ferramenta fundamental para carregar bases cartográficas e imagens de fundo. Por meio desse complemento, foi possível acessar a camada de malha urbana e delimitação dos bairros do município, utilizando fontes como OSM (OpenStreetMap), que fornecem dados constantemente atualizados da estrutura viária e do tecido urbano. Após a importação, foram realizadas correções topológicas, reorganização das camadas e definição de uma simbologia específica, permitindo a identificação clara e precisa dos diferentes bairros que compõem o espaço urbano alfenense.

O terceiro material produzido foi o Mapa de Localização do Ponto de Encontro da Torcida Cruzeiro Alfenas, gerado com base na imagem de satélite disponibilizada pelo serviço Bing Satélite, também acessado via complemento QuickMapServices. Essa camada de resolução possibilitou identificar com exatidão o estabelecimento onde ocorrem as práticas torcedoras, permitindo sua georreferenciação e posterior inserção na malha urbana de Alfenas. Esses materiais cartográficos integram a análise espacial ao evidenciar a relação entre o território urbano e as manifestações da TCA.

Realizaram-se entrevistas semiestruturadas com membros da TCA para investigar percepções sobre identidade, pertencimento, violência no futebol, trajetória pessoal como torcedor e significados atribuídos ao ponto de encontro. Esse método buscou captar diferentes pontos de vista, permitindo compreender como cada integrante participa do processo coletivo de produção territorial. Além das entrevistas gerais, foi conduzida uma entrevista focalizada com o fundador da TCA, com o objetivo de reconstruir a origem do grupo, identificar as motivações que levaram à sua criação e compreender como a torcida se consolidou em Alfenas. Essa fonte é central para acessar a memória interna da torcida,

seu processo inicial de organização, suas referências identitárias e sua trajetória no espaço urbano. A fala do fundador contribuiu para contextualizar historicamente a TCA e complementar a análise das territorialidades observadas.

A análise dos dados se deu por amarração entre o referencial teórico; as observações de campo; os mapas e dados socioespaciais e as entrevistas com membros e fundador. Desse modo, buscou-se identificar os padrões, contradições, significados e práticas que constituem o território simbólico da TCA, articulando experiência, afeto, espaço e identidade.

3. REFERÊNCIAL TEÓRICO

3.1. A Geografia do Esporte: Dimensão Espacial, Territorial e Simbólica

John Bale, considerado o pai da Geografia do Esporte, destaca que “o esporte — assim como a geografia — é essencialmente uma ciência espacial”¹, Bale (2003, p. 2, *tradução nossa*), enfatizando que práticas esportivas não apenas ocupam determinados espaços, mas produzem, reorganizam e ressignificam. Ao afirmar que “espaço e lugar são dois conceitos fundamentais tanto para o esporte quanto para a geografia”², Bale (2003, p.7, *tradução nossa*), essa perspectiva fundamenta a compreensão de que práticas torcedoras como as da TCA, não apenas expressam afetos, mas transformam espaços urbanos em territórios simbólicos de sociabilidade e pertencimento.

No Brasil, é imprescindível reconhecer Gilmar Mascarenhas como o principal pioneiro na consolidação da Geografia do Esporte enquanto campo legítimo de investigação. Mascarenhas (1999, p. 47) afirma que no Brasil, ainda é incipiente a investida de geógrafos sobre os esportes, evidenciando assim, uma lacuna teórica e metodológica que historicamente marcou o campo. Para Mascarenhas, compreender o esporte a partir da Geografia implica reconhecer sua capacidade de produzir espacialidades específicas e estabelecer relações simbólicas com o entorno urbano. O autor enfatiza que os esportes não apenas ocupam lugares, mas instauram paisagens, sentidos e modos de organização do espaço. Nesse sentido, ressalta que:

Os esportes produzem uma paisagem própria, e esta estabelece um diálogo constante com a sociedade e com o entorno. Afetam o espaço geográfico e são também por ele afetados (Mascarenhas, 1999, p. 52).

¹ In short, sport—like geography—is a spatial science.

² space and place are two basic concepts that are central to both sport and geography.

Essa formulação teórica é importante para compreender a atuação da Torcida Cruzeiro Alfenas (TCA), uma vez que suas práticas coletivas configuram uma paisagem esportiva local que estabelece diálogo direto com a cidade e transforma o espaço urbano em território cruzeirense. Assim, a perspectiva de Mascarenhas permite interpretar a TCA como agente produtor de territorialidades e de sociabilidades, demonstrando que o torcer, longe de ser mero comportamento de espectadores, constitui uma prática espacial que reorganiza, ressignifica e afeta o espaço geográfico, ao mesmo tempo em que é influenciada por ele.

Dessa forma, apesar dos avanços proporcionados por Bale e Mascarenhas na consolidação da Geografia do Esporte, a produção acadêmica brasileira ainda enfrenta desafios de expansão e legitimação. Frank (2014, p. 1) observa que “constata-se a ausência de pesquisas sobre esporte e geografia no Brasil”, indicando que grande parte das análises permanece restrita a perspectivas mercadológicas ou midiáticas que negligenciam a dimensão territorial, simbólica e afetiva do esporte no cotidiano urbano. Tal constatação reforça a existência de uma lacuna significativa na literatura, especialmente no que se refere às territorialidades produzidas por torcidas organizadas em cidades médias, fora do eixo das grandes metrópoles. Pesquisas que articulem espacialidade, simbolismo, afetividade e práticas torcedoras em contextos não hegemônicos são escassas, sobretudo no interior de Minas Gerais. Nesse sentido, este estudo contribui ao preencher esse vazio analítico, ao investigar como a Torcida Cruzeiro Alfenas (TCA) produz territórios simbólicos, identidades coletivas e redes de sociabilidade que reconfiguram o espaço vivido na cidade de Alfenas. Neste contexto, faz-se necessário discutir qual concepção de território fundamenta esta pesquisa:

O território surge como um conceito de orientação metodológica escalar, assim como outros conceitos basilares como espaço, região, lugar, paisagem. O conceito de território não se sobrepõe aos demais conceitos basilares, não foi desenvolvido para substituir, por exemplo, o espaço ou a região, mas é sim outra abordagem escalar em relação a um objeto de pesquisa conforme estudos feitos a partir de diversos autores como Haesbaert (2007); Raffestin (1993); Saquet (2011); Souza (2009). (D’Alexandria, 2015, p. 30).

Como apresentado por D’Alexandria (2015), o território enquanto categoria analítica possibilita fundamentar os estudos da Geografia do Esporte, sobretudo quando o objetivo é compreender a articulação entre práticas torcedoras, dimensão simbólica e formas de sociabilidade. Nesta pesquisa, o território não é mobilizado como sinônimo de delimitação político-administrativa, mas como uma lente teórica capaz de evidenciar relações de poder, apropriação e pertencimento. Desse modo, o território da TCA é produzido pelas práticas coletivas que ali se realizam: a reunião dos torcedores, a fixação de bandeiras, os rituais

festivos e a persistência afetiva no mesmo ponto de encontro constituem uma escala territorial própria, marcada por identidade, uso simbólico do espaço e exercício de poder social.

Dessa forma, utiliza-se a contribuição de Vale, Saquet e Santos (2005) para compreender esse território das torcidas organizadas, portanto, nesta perspectiva, o território pode ser entendido como um espaço simbólico, referência para a construção de identidades, ou fruto de identidades; está ligado a uma questão cultural que reconhece uma identidade, neste caso, o ato de torcer, o amor por um clube, a vontade de estar junto no coletivo a partir de um time de futebol. Ainda para os autores, o território remete-se a um solo que agrupa um ser social, um espaço de comensalidade e simbiose, que vive nas mesmas paisagens, participa de atividades cotidianas, de mesma cultura regional ou nacional, dividem representações afetivas, com cumplicidades múltiplas. Essa dimensão afetiva, a partir do futebol, adentra ao amor incondicional a um clube e ao ato de torcer.

A TCA, através de suas territorialidades, constrói e reforça a identidade coletiva e as relações de poder dentro de um espaço simbólico, que transcende a simples localização física, como discutido por Haesbaert (2004, p.39-40) “o território pode ser entendido também a partir de sua dimensão ‘jurídica, social e cultural, e mesmo afetiva’”. Portanto, a territorialidade pode ser entendida como “algo abstrato”, mas não no sentido radical de reduzir ao caráter de abstração analítica. Ela é uma “abstração” também no sentido ontológico de que, enquanto imagem ou símbolo de um território, existe e pode inserir-se eficazmente como uma estratégia político-cultural, mesmo que o território ao qual se refira não esteja concretamente manifestado. Ou seja, o poder no seu sentido simbólico também precisa ser devidamente considerado em nossas concepções de território.

Para Yi-Fu Tuan (1983), o espaço constitui uma extensão ampla e indiferenciada, enquanto o lugar emerge quando esse espaço é carregado de significado por meio da experiência, da memória e do afeto. Nesse sentido, Tuan afirma que:

a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento (Tuan, 1983, p. 10).

Assim, um espaço só se torna lugar quando passa a integrar a vida emocional e simbólica dos sujeitos, funcionando como referência identitária. Partindo então do que Yi-Fu Tuan (1983) descreve sobre o lugar, aplicando essa perspectiva ao fenômeno torcedor, compreende-se que os pontos de encontro da Torcida Cruzeiro Alfenas (TCA) não são apenas locais físicos onde seus membros se reúnem, mas tornam-se lugares porque são

vividoss, experimentados e ressignificados coletivamente. É neste sentido que D’Alexandria (2024), ao falar do fenômeno das torcidas organizadas, ressalta que ser e existir enquanto torcedor, tão por vezes marginalizados em sua dimensão afetiva, que nos permite a todo o momento ter a certeza de que estamos em grupo e encontramos o nosso lugar. Portanto, é na repetição dos rituais ao assistir aos jogos juntos, cantar, vestir as cores do clube, celebrar vitórias e partilhar frustrações, que esses espaços ganham densidade afetiva, transformando-se em lugares de pertencimento que ancoram a identidade cruzeirense em Alfenas, mesmo distante do Mineirão.

Essa construção de lugar pela experiência sensível e afetiva dialoga diretamente com o conceito de topofilia, desenvolvido pelo próprio Yi-Fu Tuan, que define esse vínculo como o “elo afetivo entre a pessoa e o lugar”. A topofilia não se limita a um simples apreço estético ou funcional, mas envolve um sentimento profundo que surge a partir da vivência compartilhada, da memória coletiva e dos significados que se sedimentam no cotidiano. No contexto da Torcida Cruzeiro Alfenas (TCA), a topofilia manifesta-se na maneira como os torcedores desenvolvem um apego emocional ao ponto de encontro, reconhecendo-o como um espaço de acolhimento, identidade e celebração. Isso ocorre porque tais lugares condensam experiências marcantes como nas vitórias, derrotas, narrativas compartilhadas, momentos de euforia e de frustração, reforçando assim o sentimento de pertencimento. Desse modo, o que inicialmente é apenas um local de reunião transforma-se em um lugar amado, carregado de simbolismos, intensidades emocionais e relações sociais que fortalecem a identidade cruzeirense em Alfenas.

A partir da topofilia, torna-se possível compreender que o vínculo afetivo com o lugar não se sustenta apenas na experiência vivida, mas se materializa em símbolos que condensam e comunicam esses afetos. A dimensão simbólica é, portanto, a face visível da relação emocional dos torcedores com o espaço, pois traduz em signos como bandeiras, cores, cantos, emblemas, rituais e objetos, a intensidade desse apego. Esses elementos operam como marcadores identitários que reforçam a coesão do grupo e tornam perceptíveis, no espaço urbano, as territorialidades produzidas pela TCA. Assim, o lugar torcedor não se constitui apenas pelas práticas e pela memória compartilhada, mas pelo conjunto de símbolos que organizam, representam e perpetuam a identidade cruzeirense em Alfenas, garantindo que o território afetivo se sustente e se renove continuamente. Desse modo, compreender o universo simbólico que envolve a torcida é fundamental para explicar como esse grupo transforma um simples ponto de encontro em um território repleto de significados culturais e emocionais.

Enquanto Tuan enfatiza o lugar e a experiência, Helal foca no pertencimento nacional, e Orsolini aprofunda o pertencimento ritualístico e simbólico. Essa articulação organiza o caminho para compreender não apenas como a TCA produz territorialidades afetivas, mas também como o próprio ato de torcer se insere historicamente como prática performática e emocional.

3.2. A História Cultural do Torcer: Etimologia, Performatividade e Afeto

Para compreender o fenômeno torcedor é necessário primeiramente buscar de onde vem a própria etimologia do verbo “torcer”³, cuja origem do termo exclusivamente brasileiro, remete a práticas performáticas femininas nos estádios do início do século XX:

Bem vestidas, usando luvas, chapéus e longos vestidos, as moças presentes nos estádios torciam seus objetos com suas mãos delicadas. Contorciam seus corpos com pulos e gestos, além de soltarem gritos altíssimos a chamar os nomes de seus jogadores preferidos, a grande maioria também sócios dos clubes e possíveis bons partidos. Esse era o comportamento inusitado que tanto chamou a atenção da imprensa e da sociedade e que configurou um novo personagem do futebol do período: as “torcedoras” (Malaia, 2012, p. 64).

Dessa forma, conforme na Figura 1 é possível observar a vestimenta dessas torcedoras e analisar como a própria noção de “torcer” nasce vinculada a uma dimensão corporal, afetiva e performática, anterior à institucionalização das torcidas organizadas e distante da ação violenta que mais tarde seria atribuída ao termo. Essa perspectiva histórica é essencial para este estudo, pois evidencia que o ato de torcer, antes de ser associado a confrontos, estigmas e moralizações, é primordialmente uma prática de expressão emocional. Portanto, ao retomar a origem da palavra, compreende-se que a TCA reinscreve o torcer em sua dimensão original: uma prática cultural carregada de emoção e sociabilidade.

³ A etimologia da palavra "torcedor" é uma singularidade do português brasileiro. Segundo Malaia (2012), o termo remonta ao início do século XX, no Rio de Janeiro, associado ao comportamento do público feminino nas arquibancadas. Em momentos de tensão durante as partidas, as mulheres "torciam" suas luvas e lenços de nervosismo, gesto que foi captado pelo cronista Coelho Neto na época para designar o ato de apoiar apaixonadamente um clube.



Figura 1 – Mulheres que acompanhavam o Fluminense FC em Laranjeiras.

Fonte: FLU-MEMÓRIA.

Essa transformação do espaço em lugar, discutida anteriormente, manifesta-se agora na dimensão cultural e afetiva do torcer, permitindo compreender como diferentes autores convergem para explicar a construção de territorialidades torcedoras. Essa historicidade afetiva do torcer dialoga com a interpretação de Helal (1996), para quem o futebol constitui um dos principais elementos estruturantes da identidade cultural brasileira. Segundo o autor:

O futebol é uma das principais fontes de identidade cultural do país. Capaz de mobilizar e atrair milhões de pessoas, o futebol pode ser entendido como uma forma cultural que promove a integração do país[...] É neste universo que observamos, frequentemente, indivíduos de diferentes classes sociais, raças e crenças se tornam “iguais” por meio de um sistema de comunicação que os aproxima, seja nos estádios, ruas, praias ou até mesmo escritórios (Helal, 1996, p. 1).

Dessa forma, o torcer se consolida como prática que produz pertencimento e igualdade simbólica, onde torcedores de diferentes perfis se unem pela experiência compartilhada de acompanhar o time para qual torce. Essa perspectiva identitária abre espaço para interpretações que destacam a dimensão ritualística e simbólica do torcer.

Aprofundando essa dimensão, Orsolini (2015) descreve que o futebol atua como um símbolo arquetípico de coletividade, estimulando a formação de identidades coletivas através da dinâmica simbólica que ocorre durante o jogo. Ele argumenta que a participação no futebol, especialmente nas torcidas organizadas, é um processo ritualístico onde os torcedores se identificam com o arquétipo do herói. Essa identificação e a vivência coletiva do jogo ajudam a fortalecer o vínculo emocional entre os membros da torcida, criando um sentimento de pertencimento e coesão grupal. O futebol, portanto, não é apenas uma

prática esportiva, mas um espaço simbólico onde se (re)encenam os desafios e vitórias do coletivo sobre o adversário. Esses autores sustentam a perspectiva teórica que orientou a análise empírica da TCA, reforçando o enfoque nas emoções, na coletividade e na territorialidade afetiva.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Caracterização da Área de Estudo (Alfenas-MG)

O município de Alfenas integra a Região Intermediária de Varginha e constitui o núcleo da Região Geográfica Imediata homônima, desempenhando papel relevante na estrutura urbana do Sul de Minas. Conforme a REGIC 2018, Alfenas é classificado como Centro Sub-regional A (3A), estabelecendo conexões funcionais com centros de hierarquia superior, como Poços de Caldas e Varginha, ambas Capitais Regionais C (2C), o que pode ser observado na Figura 2 sua inserção no sistema urbano regional. Segundo último Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o município de Alfenas atualmente conta com cerca de 78.970 habitantes, com estimativa de 82.303 residentes em 2025, IBGE (2022), refletindo crescimento demográfico moderado e contínuo. A centralidade de Alfenas manifesta-se também na oferta de serviços especializados, com destaque na área da saúde e no ensino superior. Esses elementos reforçam sua função a consolidando como polo regional, configurando o contexto territorial no qual se inscrevem as práticas sociais e simbólicas analisadas neste estudo, como as territorialidades produzidas pela Torcida Cruzeiro Alfenas (TCA).

A partir do Mapa dos Bairros de Alfenas mostrados na Figura 3, é possível compreender com maior precisão a organização intraurbana do município de Alfenas e a sua distribuição territorial dos principais setores residenciais que estruturam o cotidiano da população. Essa representação espacial permite identificar não apenas a malha urbana e seus limites, mas também a localização estratégica dos fluxos e centralidades que influenciam a circulação dos torcedores.

MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA REGIÃO GEOGRÁFICA IMEDIATA DE ALFENAS

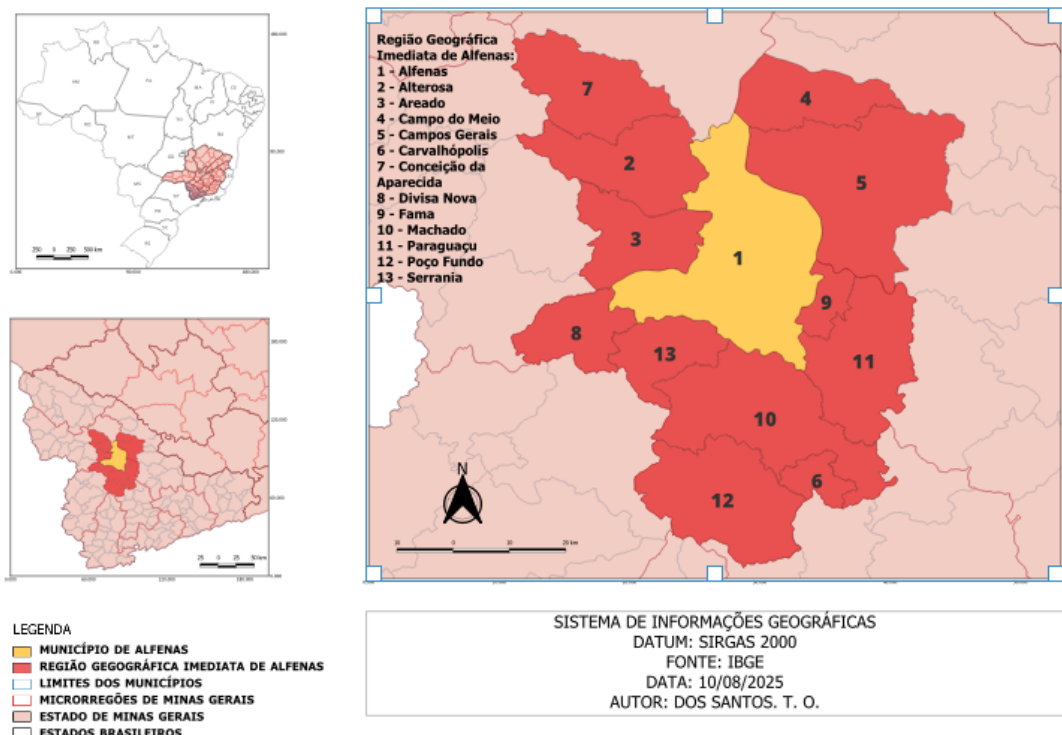


Figura 1 – Mulheres que acompanhavam o Fluminense FC em Laranjeiras.
Elaboração: Tailson Oliveira dos Santos, 2025.

MAPA DOS BAIRROS DE ALFENAS

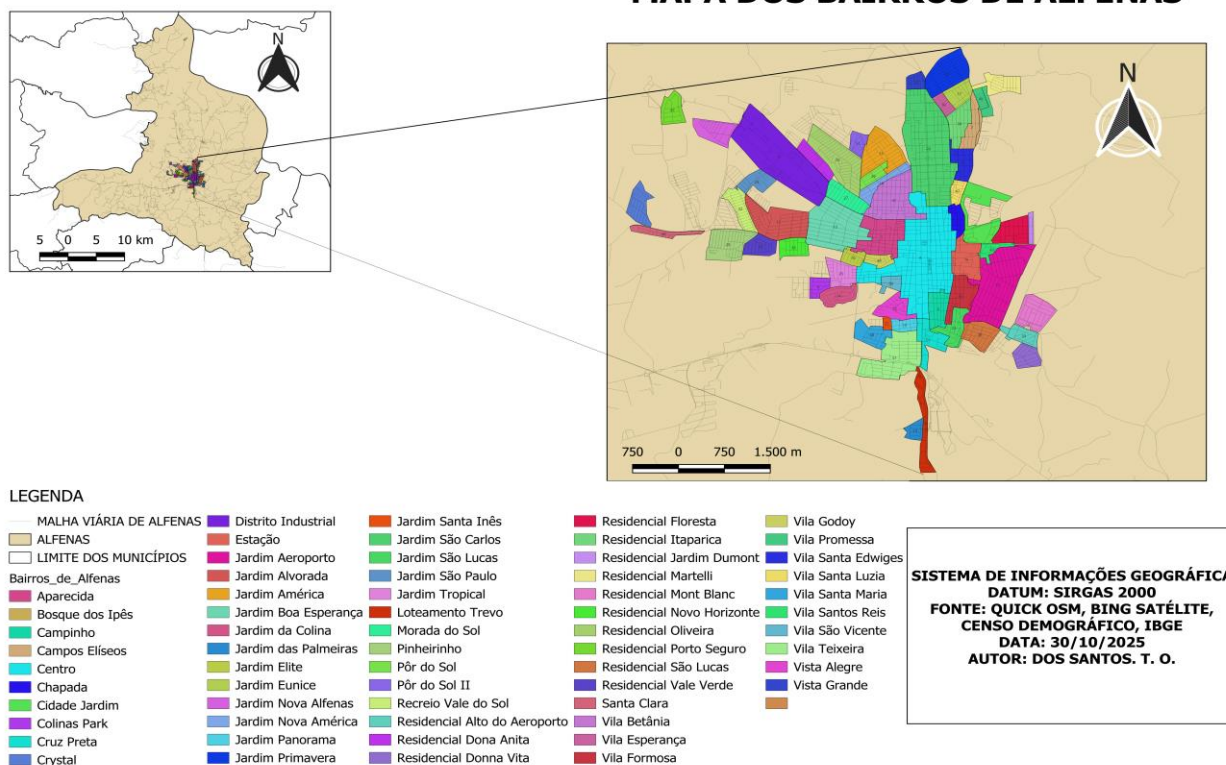


Figura 3 – Mapa dos bairros do município de Alfenas-MG.
Elaboração: Tailson Oliveira dos Santos, 2025.

4.2. A Gênese da TCA: Reocupando o Espaço no Período Pós-Pandemia

A fundação da Torcida Cruzeiro Alfenas primeiramente deve ser compreendida pelo contexto histórico e sanitário em que emergiu e assolou o mundo no ano de 2020. O grupo se formalizou após um momento de ruptura dupla: o isolamento social imposto pela pandemia de COVID-19 e a crise esportiva do Cruzeiro Esporte Clube, que disputava a Série B e passou por uma das piores crises do clube. Segundo o entrevistado A1, fundador da TCA, a criação da torcida foi uma resposta direta à necessidade de ressocialização e retorno aos estádios após anos de afastamento forçado:

“A intenção de ter criado a torcida foi que devido à pandemia o Cruzeiro também foi rebaixado... e isso afastou muito a torcida dos estádios. (...) Veio 2020 longe do estádio, sem poder ir, sem poder reunir... a mesma coisa em 2021. Em 2022, quando foi liberando para poder voltar no estádio, eu queria juntar a turma para poder assistir, para poder ir ao estádio junto de van.” (Entrevistado A1, comunicação pessoal, 20 de novembro de 2025).

Este relato evidencia que a gênese da Torcida Cruzeiro Alfenas está intrinsecamente ligada a um instrumento de reconexão. A intenção de "juntar a turma" mencionado na entrevista ganha, sob a ótica geográfica, o sentido de reapropriação do espaço público e do lazer coletivo, que haviam sido suspensos pelas restrições sanitárias. A van e o ponto de encontro tornaram-se os primeiros territórios de cura para o isolamento vivido nos anos anteriores.

A materialização da torcida no espaço urbano de Alfenas não foi de forma imediata, mas geração de um processo de itinerância em busca de um local que comportasse a identidade do grupo. A entrevista com o fundador narra essa trajetória espacial. Inicialmente, o "território" era doméstico, sediado na residência de um membro, o que reforçava o caráter íntimo e familiar. Contudo, mudanças na dinâmica interna obrigaram o grupo a ocupar o espaço público da cidade:

A Arena Show de Bola, cara, ela surgiu agora, tem 4, 5 meses. A gente tinha meio que uma sede, né, que era na casa do Picolé, quando a gente começou em 2022, era na casa de um dos membros, né. Até o começo de 2024, final de 2024, ali, a gente... todos os encontros e todas as reuniões eram lá, sabe? Todas as confraternizações, tudo que a gente fazia, a gente fazia na casa dele. Aí, depois, acabou que ele deu uma afastada, aí foi aonde a gente começou a procurar outros bares, teve o bar do Tié também, a gente foi assistir alguns jogos no Sky, agora, na Arena Show de Bola. (Entrevistado A1, comunicação pessoal, 2025).

Essa fala mostra a transição do espaço privado ("casa do Picolé") para o espaço comercial ("Bar do Tié", "Sky"). Note-se que a expressão "pulando de galho em galho" denota uma sensação de desarraigo, de falta de identidade territorial. A fixação definitiva na Arena Show de Bola ocorre, portanto, quando o grupo encontra um espaço comercial que permite a reprodução daquela intimidade perdida da casa do amigo, mas agora com

visibilidade pública e capacidade para agregar mais pessoas. Situada no Bairro Pôr do Sol, a Arena marca uma transição fundamental: o local deixa de ser apenas comércio para se tornar um território de identidade. A localização exata do ponto de encontro pode ser visualizada na Figura 4.

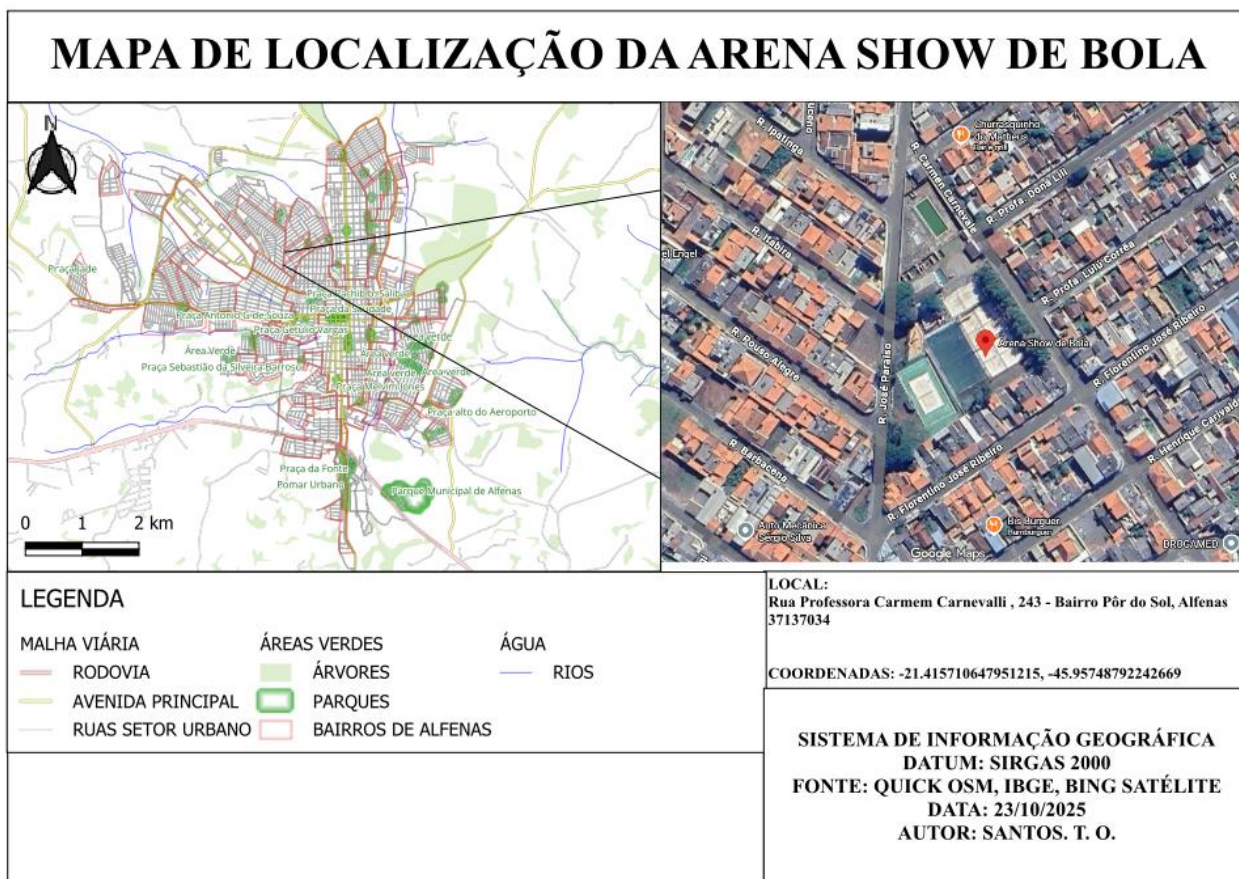


Figura 4 – Localização do Ponto de Encontro da TCA.

Elaboração: Tailson Oliveira dos Santos, 2025.

A espacialização apresentada na Figura 4 revela a centralidade e acessibilidade do território da TCA. Ao fixar-se neste local, o grupo estabelece uma "visibilidade consentida", oposta à clandestinidade de grupos violentos. A Arena funciona, na terminologia de Mascarenhas (2006), como um "lugar praticado": em dias comuns, é comércio; em dias de jogos, ressignifica-se como extensão simbólica do Mineirão. Nesse espaço, a distância de Belo Horizonte é suprimida pela intensidade dos rituais, bandeiras e uniformes que demarcam as fronteiras desse território efêmero, Figura 5.



Figura 5 – Jogo do Flamengo x Cruzeiro na Arena Show de Bola.
Fonte: Acervo da Torcida Cruzeiro Alfenas (2025).

A consolidação desse território próprio reflete-se também na postura política da TCA. Um ponto crucial revelado nas entrevistas é a escolha pela autonomia frente às grandes torcidas organizadas da capital. O fundador relata tentativas iniciais de filiação, que foram descartadas em favor de uma identidade mais leve e associativa:

“A gente tentou se filiar à torcida China Azul... acabou que não deu certo... A gente optou por não se filiar a nenhuma torcida de BH [...] O nosso propósito é um propósito mais familiar, é um ponto de encontro entre amigos... a gente quer brincar, aproveitar, se divertir... a gente vai criando esse vínculo de amizade.” (Entrevistado A1, comunicação pessoal, 2025).

Essa fala é fundamental para a tese deste artigo. Ela demonstra que a TCA rejeita o modelo hierarquizado e muitas vezes bélico das grandes organizadas. Aqui soma-se as compreensões em D’Alexandria (2024) em que afirma que Embaixadas/Consulados como espaços de sociabilidade que extrapolam as relações com o clube, que, essencialmente, criam elos entre estes os seres migrantes e o seu lugar, na medida em que o clube é esse elo norteador de sociabilidade. Neste caso, a TCA não é propriamente um consulado, mas configura-se como um espaço de sociabilidade e criam elos entre os moradores locais e quais outros torcedores que queiram ser acolhidos e desejem demonstrar seu afeto pelo clube. Para tal, ao preservarem sua independência, garantem que o espaço da torcida seja de celebração, permitindo inclusive a convivência com a alteridade (Figura 6).



Figura 6 – Bandeira Oficial da TCA.
Fonte: Acervo da Torcida Cruzeiro Alfenas (2025).

Se a Arena Show de Bola funciona como um território fixo de resistência, as caravanas organizadas pela TCA representam a dimensão móvel da torcida, materializando o conceito de multiterritorialidade de Haesbaert (2004). O deslocamento entre Alfenas e Belo Horizonte não é apenas um trajeto logístico de 300 km; é um ritual de iniciação. Nas entrevistas, o fundador e os membros destacam que a caravana é o momento em que os laços se estreitam. O se transformam em um espaço de transição, onde a expectativa do jogo e a convivência durante horas de estrada forjam uma identidade coletiva itinerante.

“Quando a gente vai fazer uma caravana, a gente tá levando aquela pessoa que nunca foi ao estádio. (...) A gente vê a pessoa ter essa experiência (...) de ver o campo pela primeira vez. (...) As pessoas se emocionam, as pessoas choram ao entrar no estádio a primeira vez.” (Entrevistado A1, comunicação pessoal, 2025).

Esse relato do choro ao ver o campo pela primeira vez, é a prova empírica mais forte do trabalho. Ele demonstra que a TCA atua como uma infraestrutura de acesso ao sonho. Sem a organização coletiva da caravana, o custo e a complexidade da viagem tornariam o Mineirão inacessível para muitos moradores do interior. Portanto, a caravana não transporta apenas corpos; ela transporta afetos e viabiliza o direito à cidade e ao lazer em escala regional, Figura 7 e 8



Figura 7 – A mobilidade da torcida: da caravana à arquibancada do Mineirão.
Fonte: Acervo da Torcida Cruzeiro Alfenas (2025).



Figura 8 – Torcedores presentes na arquibancada com a camisa da TCA.
Fonte: Acervo da Torcida Cruzeiro Alfenas (2025).

Os registros visuais apresentados na Figura 7 materializam a dinâmica pendular discutida anteriormente. A imagem à frente do ônibus simboliza o momento de ruptura com o cotidiano local: é o instante em que o grupo se desterritorializa fisicamente de Alfenas para iniciar a jornada rumo à capital. O veículo, nesse contexto, transfigura-se em um 'território móvel' de sociabilidade, onde os laços de amizade são fortalecidos durante as horas de estrada.

O registro no interior do Estádio Mineirão representa a consumação do pertencimento. Ao ocuparem fisicamente a arquibancada, os membros da TCA transformam o espaço abstrato do futebol (visto pela TV) em um 'lugar' de experiência vivida. A presença dos torcedores uniformizados e portando seus símbolos na arena confirma que a torcida do interior não é um agente passivo, mas um ator que disputa e legitima sua identidade no centro do espetáculo, validando a emoção descrita nos relatos sobre a 'primeira vez' no estádio." Diferente da lógica territorial excludente das metrópoles, onde a presença de rivais gera conflito, a TCA promove uma sociabilidade inclusiva. O território da Arena Show de Bola é permeável a torcedores de outras agremiações, desarmando a tensão clássica do futebol:

“Tem gente do Corinthians, do São Paulo, que vai assistir ao jogo com a gente... porque gosta da resenha, gosta da brincadeira, e a gente não faz distinção. (...) Traz um amigo que torce para outro time, traz a namorada, traz o pai, traz a mãe.” (Entrevistado A, comunicação pessoal, 2025).

Essa prática reforça o caráter de "comunidade de vizinhança" em detrimento da "comunidade de combate", provando que a territorialidade da TCA é construída sobre o afeto e o lazer compartilhado.

4.3. O "Jeito Interiorano" de Torcer: A Percepção dos Membros

Para verificar se a proposta de "torcida familiar" idealizada pelos fundadores se concretizar na prática, foram analisadas as percepções de outros integrantes do grupo. A triangulação das falas revela uma convergência notável: a TCA é percebida por seus membros não como um batalhão, mas como uma rede de acolhimento. Quando questionado sobre a motivação para ingressar no grupo, o Entrevistado A2 destaca atributos raramente associados às organizadas pela mídia hegemônica:

“A Equipe TCA muito atenciosa, responsável, acolhedora, organizada. Fazem caravanas, encontros, confraternizações muito boas e acolhedoras.” (Entrevistado A2, comunicação pessoal, 2025).

A repetição do termo "acolhedora" sugere que o capital social da TCA reside precisamente na afetividade. Essa percepção é reforçada pelo Entrevistado A7, que, ao descrever seus sentimentos no ponto de encontro, resume: "Me sinto muito alegre, em casa, em paz" (Entrevistado A7, comunicação pessoal, 2025). A analogia com o lar ("em casa") corrobora a materialização do ideal familiar no espaço coletivo. Um dado novo e relevante que emerge nas entrevistas é a autodefinição do grupo a partir de sua localização geográfica. O Entrevistado A4 introduz uma distinção crucial entre a torcida da metrópole e a do interior, utilizando-a como justificativa para a ausência de violência:

"Não (são perigosas). Acredito que torcidas como as nossas, do interior, só queremos uma oportunidade de assistir o time que amamos." (Entrevistado A4, comunicação pessoal, 2025).

Essa fala é fundamental para a Geografia do Esporte, pois demarca uma identidade territorial específica. O "interior" não é representado como um espaço de atraso, mas sim como um lócus de pureza do ato de torcer, imaginado como imune às "contaminações" violentas dos grandes centros. Nessa construção identitária, a paz é narrada como um atributo inerente à condição geográfica do grupo.

Por fim, a questão da territorialidade excludente comum a muitas torcidas organizadas, é explicitamente rejeitada pela base. Ao ser perguntado se o ponto de encontro é um território exclusivo, a resposta do Entrevistado A6 dialoga diretamente com a ideia de um espaço público democrático:

"Não, é livre para todos, o grupo está sempre aberto a receber outros torcedores de outros times." (Entrevistado A6, comunicação pessoal, 2025).

Essa abertura é corroborada pela afirmação do Entrevistado A3: "Relação muito tranquila, nunca houve conflito com nenhum tipo de torcida" (Entrevistado A3, comunicação pessoal, 2025). Tais relatos consolidam a tese de que a TCA subverte a lógica de apropriação violenta e do espaço. Seu território em Alfenas é fluido e permeável, onde a segurança não é construída pela exclusão do "outro", mas sim pela abertura ao convívio.

Os resultados obtidos a partir das entrevistas, observações e análises empíricas revelaram que a Torcida Cruzeiro Alfenas (TCA) constitui um espaço de sociabilidade e construção identitária na cidade de Alfenas. Durante as observações realizadas nos locais de encontro da torcida, especialmente no espaço onde ocorrem as transmissões dos jogos, foi possível perceber que esses ambientes se transformam em verdadeiros territórios simbólicos. A bandeira da TCA, o uso de camisas e cânticos reforçam o sentimento de pertencimento coletivo, tornando o espaço público um local de expressão da identidade cruzeirense. O grupo se organiza de maneira espontânea, mas apresenta forte coesão

interna e senso de comunidade. Esse processo de territorialização afetiva revela o que Haesbaert (2004) denomina multiterritorialidade, já que o torcedor vivencia simultaneamente o espaço local de Alfenas e o simbólico de Belo Horizonte, sede do Cruzeiro.

As entrevistas com os membros da TCA destacaram que a torcida não se restringe a um grupo de torcedores que acompanham partidas, mas funciona como uma rede de apoio e solidariedade entre seus integrantes. Muitos relataram que encontraram na TCA um ambiente de acolhimento, amizade e pertencimento social. Tal perspectiva é corroborada em D’Alexandria (2024) ao constatar que as torcidas organizadas é possível notar, não somente como um membro ativo, mas possível para qualquer torcedor, os esforços na integração de todos, a partir da promoção de eventos como almoços, jantares ou na arrecadação de doações para ações afirmativas. Essa relação emocional é reforçada em momentos de vitória e derrota, onde o grupo compartilha coletivamente sentimentos de alegria, frustração e esperança. Monné Fraga e Veloso (2020) afirmam que as torcidas organizadas operam como comunidades emocionais, e essa constatação foi claramente observada na TCA, cujos membros se emocionam e vibram juntos, construindo laços que extrapolam o contexto esportivo. Além disso, a torcida realiza ações solidárias, o que reforça sua imagem positiva na comunidade e ajuda a desconstruir o estigma de violência associado a esses grupos.

É válido destacar que a Torcida Cruzeiro Alfenas (TCA) não mantém diálogo direto com outras torcidas organizadas, visto que o seu propósito central é voltado para a promoção do acesso e da convivência entre torcedores do Cruzeiro residentes em Alfenas. O grupo busca proporcionar momentos coletivos de vivência do futebol, seja por meio da organização de caravanas para jogos em Belo Horizonte, nas reuniões locais para assistir às partidas em conjunto ou até mesmo ações sociais que fazem no município. Essas práticas, ainda restritas ao contexto municipal, acabam por desmistificar o estereótipo negativo comumente associado às torcidas organizadas, pois reforçam valores de união, solidariedade e pertencimento, distantes da imagem de violência amplamente difundida pela mídia. Assim a TCA constrói, a partir de suas ações cotidianas, uma territorialidade simbólica própria, que reafirma o torcer como expressão cultural legítima e positiva. Essas práticas, ainda restritas ao contexto municipal, acabam por desmistificar o estereótipo negativo comumente associado às torcidas organizadas, pois reforçam valores de união, solidariedade e pertencimento, distantes da imagem de violência amplamente difundida pela mídia. Essa característica encontra respaldo em D’Alexandria (2024), para quem a

experiência em grupos de torcida pode funcionar como "um afago à doença de migrar", mitigando o mal-estar do distanciamento, sendo marcada por uma "sensação de acolhimento" e pela criação de "redes de afetos" que estão para além dos jogos. Assim, a TCA constrói, a partir de suas ações cotidianas, uma territorialidade simbólica própria, que reafirma o torcer como expressão cultural legítima e positiva, ancorada no afeto e no acolhimento – dimensões estas que, conforme o autor, são frequentemente ofuscadas pelo discurso midiático que supervaloriza a violência.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada permitiu compreender que a Torcida Cruzeiro Alfenas (TCA) é um importante agente de construção simbólica e afetiva do território urbano de Alfenas. Por meio das observações e entrevistas, constatou-se que o grupo transforma espaços comuns da cidade em locais de pertencimento e identidade coletiva. A TCA representa mais do que um agrupamento de torcedores; ela se estabelece como um espaço de sociabilidade, acolhimento e expressão emocional. O estudo reforça que o futebol, além de uma prática esportiva, é também um fenômeno cultural que conecta pessoas e constrói comunidades. A atuação da TCA demonstra que as torcidas organizadas podem desempenhar papéis sociais positivos, pautados na solidariedade e na cooperação.

As práticas da TCA contribuem para desmistificar a ideia de que as torcidas organizadas são sinônimos de violência. A pesquisa evidenciou que, ao invés de promoverem desordem, essas coletividades fortalecem os vínculos sociais e culturais dentro do espaço urbano. A TCA, ao se reunir para celebrar o Cruzeiro Esporte Clube, reafirmam os valores de união e pertencimento, configurando um território simbólico onde o torcer é um ato de identidade e resistência. Assim, este estudo amplia o debate e a compreensão sobre as torcidas organizadas, destacando-as como expressões legítimas de cultura popular e de vivência comunitária em Alfenas e no contexto mais amplo do futebol brasileiro.

REFERÊNCIAS

BALE, J. **Sports geography**. 2. ed. London: Routledge, 2003.

D’ALEXANDRIA, M. **O marketing territorial nas Indicações Geográficas**: um estudo da Denominação de Origem Vale dos Vinhedos. 2015. 127 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

D'ALEXANDRIA, M. A. B. As Embaixadas/Consulados na dimensão afetiva do torcer: resgate ao lugar para um ser migrante. **Ludopédio**, São Paulo, v. 185, n. 27, 2024.

FLUMINENSE FOOTBALL CLUB. **Dia Internacional da Mulher**: Fluminense explica origem da expressão "torcedor". Fluminense, 08 mar. 2021. Disponível em: <https://www.fluminense.com.br/noticia/dia-internacional-da-mulher-fluminense-explica-origem-da-expressao-torcedor>. Acesso em: 19 nov. 2025.

FRAGA, E. M. O.; VELOSO, L. H. M. **Paixão e violência**: expressão das emoções nas narrativas de torcidas organizadas de futebol. **O Público e o Privado**, Fortaleza, n. 34, jul./dez., 2020.

FRANK, B. Introdução às Teorias da Geografia dos Esportes: um esboço inicial. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 18, n. 188, 2014.

HAESBAERT, R. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2025.

HELAL, R. Futebol, cultura e cidade. **Logos: Comunicação & Universidade**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 1, 1996.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico>. Acesso em: 20 nov. 2025.

LIMA, S. V. **Futebol, paixão e violência**: da introdução do esporte no Brasil à Batalha Campal de 1995 e suas implicações no ato de torcer. Monografia (Graduação em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2025.

MASCARENHAS, G. A Geografia dos Esportes: uma introdução. **Scripta Nova (Barcelona)**, Barcelona, v. 3, 1999.

MASCARENHAS, G. **Geografia do esporte**. In: DACOSTA, Lamartine (Org.). Atlas do esporte no Brasil. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006. p. 125.

PIMENTA, C. A. M. A violência entre torcidas organizadas de futebol. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 123-128, 2000.

SOUZA, H. O. P. **Futebol como símbolo constituinte das identidades coletivas pela psicologia analítica**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). PUC-SP, São Paulo, 2015.

SAQUET, M. A; SANTOS, R. A.; VALE, A. L. F. O território: Diferentes abordagens e conceito-chave para a compreensão da migração. **Revista Faz Ciência**, Unioeste, 2005.

TUAN, Y. F. **Espaço e Lugar**: A Perspectiva da Experiência. Traduzido por Sérgio Paulo, 1. ed. São Paulo: DIFEL, 1983.